

Ressignificação dos termos com conotação negativa “bicha” e “viado” como forma de afirmação identitária para homens gays ¹

Yuri Demartini ²

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-São Paulo)

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

RESUMO

O objetivo desse artigo é refletir sobre a resignificação dos termos “viado” e “bicha”, que socialmente possuem conotação negativa, como forma de afirmação da identidade gay. Para tanto trago discursos relacionados a resignificação para compreender essa transformação. O referencial teórico utilizado tem como base Judith Butler, Teun Van Dijk, Michel Foucault, Mayra Rodrigues Gomes. Para tal estudo a linha metodológica se debruça na Análise Crítica do Discurso trazendo o Documentário “Bicha” dirigido por Marlon Parente. Conclui-se, dessa maneira, que a resignificação dos termos “viado” e “bicha” representa uma estratégia de resistência, empoderamento e pertencimento perante a comunidade LGBTQIA+.

Palavras-chave: Viado; Bicha; Resignificação; Linguagem.

INTRODUÇÃO

Há muita discussão em torno da origem do termo "viado", frequentemente empregado como insulto contra pessoas gays. Uma das hipóteses, segundo o pesquisador Lucas Samuel Oliveira (2021), é que o termo tenha se originado como uma abreviação da palavra "desviado", referindo-se àquele que se afasta de um padrão estabelecido. Porém, a explicação mais aceita é que o vocábulo seja uma variação da palavra "veado", animal comumente associado a características de fragilidade e delicadeza, características estigmatizadas para homens homossexuais.

Ainda conforme o autor, a partir dessa representação, que rompia com os padrões de masculinidade, a palavra "veado" adquiriu uma conotação pejorativa e violenta para se referir

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Mestrado 2º Semestre do Curso Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, e-mail: yuridemartini22@gmail.com

a homens gays. Essa associação se baseia na noção equivocada de que a homossexualidade masculina está intrinsecamente ligada a uma suposta "feminilidade tradicional".

As diferentes interpretações sobre a proveniência desse termo revelam as complexas camadas de significado que carrega. Independentemente de sua origem exata, a ressignificação desse vocábulo pela comunidade LGBTQIA+ representa uma ação política de confrontação e subversão.

Ao se apropriarem de uma palavra utilizada historicamente para menosprezar e marginalizar suas identidades, homens gays rompem com os sentidos cristalizados pela cultura dominante. Essa prática discursiva vai ao encontro da proposta de Roland Barthes de desestabilizar a linguagem convencional, abrindo espaço para a construção de novos modos de subjetivação.

O documentário pernambucano Bichas, objeto deste estudo, fala sobre resistência e reexistência. Às lentes do diretor Marlon Parente, as bichas relatam força com leveza, enquanto lembram o caminho trilhado até resinificarem a ofensa, transformada agora em identidade e orgulho. O filme de 39 minutos, traz relatos de homens gays que falam sobre a descoberta da homossexualidade, sobre contar para a família e sobre transformar vergonha em empoderamento, hostilidade em impulso e sobre mergulhar para dentro de si mesmo.

METODOLOGIA

A metodologia que foi adotada é a Análise do Discurso Crítica ou ACD, proposta por Teun Van Dijk (2008). Essa perspectiva teórico-metodológica se mostra adequada para investigar os processos de ressignificação dos termos "bicha" e "viado" no contexto da comunidade gay masculina, uma vez que permite desvelar as relações de poder, ideologias e estruturas sociais subjacentes ao uso da linguagem. Para a análise textual, será feito um exame detalhado dos aspectos semânticos presentes nos discursos, buscando identificar os recursos linguísticos mobilizados. E para a análise sociocognitiva, foi realizada uma investigação das relações entre os elementos discursivos e as estruturas sociais, ideológicas e de poder que circundam o uso dos termos "bicha" e "viado".

Segundo Van Dijk, o discurso é como uma prática social que reflete e (re)produz estruturas de dominação e desigualdade. Dessa maneira, deve se prestar atenção aos aspectos implícitos no texto, que são silenciados e naturalizados que permeiam os discursos (VAN DIJK, 2001). Para tanto foi analisado dois discursos do Documentário "Bichas" dirigido por

Marlon Parente, onde é tratada questões sobre a resignificação dos termos “bicha” e “viado”, onde são analisados conforme o autor.

“Para as pessoas, a bicha é aquela coisa caricata, que a gente tem que rir delas e esculhambar mesmo e achar que ela não é uma pessoa. Você não ri com ela, você ri dela. Ela não deve ser respeitada, não deve ser amada. Mas no âmbito do mundo LGBT a bicha é uma pessoa maravilhosa. Ela deve não só resistir, mas reexistir. Não só receber os ataques, mas se reinventar e se impor na sociedade. A gente, quando levar a pancada, tem que revidar de uma forma inteligente, coerente, que é a gente se impondo mesmo. Mas tem bichas com um contexto familiar e social que complica. Tem as gatas da igreja, da favela, e é bem complicado para certos tipos de bicha estar se impondo o tempo todo. Então cabe a nós, que temos esse privilégio de estarmos na rua, em festas e gravando documentários, falarmos com essas bichas, com a sociedade, para que parem com essa noção de que ser bicha é errado, porque ser bicha é maravilhoso”.

Textualmente, observa-se o uso recorrente do termo "bicha", que é apresentado de maneira ambivalente. Por um lado, há a descrição do estigma social que recai sobre as bichas, retratadas como "caricatas", objetos de riso e desrespeito. Por outro lado, no "mundo LGBT", elas são consideradas "pessoas maravilhosas" que devem "reexistir" e se impor na sociedade. Essa tensão revela uma disputa de sentidos em torno dessa identidade.

Enquanto no discurso hegemônico a "bicha" é desvalorizada e desumanizada, no contexto LGBTQIA+ ela é resignificada como uma expressão positiva de gênero e sexualidade. Em uma análise sociocognitiva, percebe-se a construção de uma narrativa de resistência e empoderamento. O discurso convoca as bichas a não apenas a receber esses ataques, mas também a se reinventarem e se imporem perante a sociedade, de forma coesa e esperta.

Essa postura ativa de reivindicação de espaço e reconhecimento é contrastada com a situação de vulnerabilidade de algumas bichas, como aquelas em contextos familiares e sociais desfavoráveis. Dessa forma, o texto revela uma consciência das disparidades e desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+, ao mesmo tempo em que propõe uma estratégia de fortalecimento identitário e articulação política. Ao valorizar a "bichice" e incentivar sua visibilidade pública, o discurso busca desconstruir os estigmas e consolidar a legitimidade dessa expressão de gênero e sexualidade.

“É importante mostrar que é bicha, é importante falar que é bicha, é importante escrever isso no seu Facebook, é importante pichar o muro dizendo que é viado mesmo, bicha, porque é isso que você é e quanto mais natural, mais pessoas forem bichas e disserem, menos estigma vai ter”.

Em uma análise textual, observa-se o uso recorrente dos termos "bicha" e "viado", que tradicionalmente carregam uma conotação pejorativa e estigmatizante em relação à identidade gay. No entanto, o discurso expressa uma posição de valorização e afirmação desses vocábulos, enfatizando a importância de assumi-los de forma natural e aberta. Nota-se também a utilização de diferentes modalidades de expressão, como "falar", "escrever" e "pichar o muro", sugerindo um chamado à visibilidade e a ocupação de diferentes espaços sociais por meio dessa prática linguística. Em uma análise sociocognitiva, pode-se inferir que essa frase reflete uma estratégia de resistência e subversão da heteronormatividade dominante. Ao incentivar a adoção dos termos "bicha" e "viado" de forma coletiva e pública, o discurso busca desconstruir o estigma associado a essas palavras e afirmar a legitimidade das identidades gays.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Judith Butler teórica de gênero, explora a compreensão da construção social das identidades de gênero e sexualidade. Em sua obra seminal "Problemas de Gênero" (1990), a filósofa questiona a naturalização das categorias de gênero e sexo, argumentando que elas são performativamente constituídas através de atos, gestos e estilos corporais reiterados ao longo do tempo.

Michel Foucault, em suas obras sobre o poder e o discurso, argumenta que o poder não é uma entidade fixa ou centralizada, mas está presente nas relações sociais e nas práticas discursivas. Ele enfatiza a importância de analisar o poder em seu funcionamento concreto, examinando como ele é exercido e como produz efeitos nos corpos e nas subjetividades. Foucault também destaca a ideia de que o discurso não é apenas uma forma de expressão, mas uma prática que constrói e molda as realidades sociais.

Mayra Rodrigues Gomes, por sua vez, é uma autora contemporânea que se dedica a discutir questões de gênero e sexualidade, com ênfase nas vivências de pessoas LGBTQ+. Ela aborda a importância de afirmar e reivindicar identidades marginalizadas, como "bicha" e

"viado", como forma de resistência e empoderamento. Gomes defende que a visibilidade e a expressão dessas identidades contribuem para a desconstrução de estigmas e para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

As contribuições de Teun van Dijk para o campo da Análise Crítica do Discurso (ACD) têm sido fundamentais para a compreensão das relações entre linguagem, poder e ideologia. Diferentemente de abordagens linguísticas tradicionais, que tendem a enxergar o discurso como um fenômeno puramente formal e abstrato, a ACD proposta por Van Dijk (1993, 2008) considera o discurso como uma prática social intimamente imbricada com as estruturas de dominação e desigualdade.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Essa resignificação desses termos, possui o poder de reverter toda carga negativa atribuída aos mesmos, transformando-os em símbolos de orgulho, pertencimento e resistência. No contexto de homossexuais homens, termos como “viado” e “bicha”, tem passado por uma resignificação pela própria comunidade e apropriados como forma de empoderamento e rejeição aos estereótipos sociais. Todo esse movimento de reapropriação linguística representa para a comunidade LGBTQIA+, uma estratégia de resistência e empoderamento contra a heteronormatividade dominante (ARAGUSUKU, 2018).

A adoção dos termos “bicha” e “viado” por homens gays, funciona assim, como uma ferramenta de construção da autoestima e da aceitação de suas identidades. Ao reverter o significado negativo original para uma conotação positiva de pertencimento, os indivíduos encontram formas de subverter a opressão e afirmar sua existência (OLIVEIRA, 2020).

CONCLUSÃO

A resignificação dos termos pejorativos "bicha" e "viado" pela comunidade LGBTQIA+ representa uma importante estratégia de resistência e afirmação identitária. Ao se apropriar desses vocábulos historicamente usados para estigmatizar e marginalizar a homossexualidade, os sujeitos dissidentes de gênero e sexualidade buscam subverter a lógica de dominação que os sustenta.

Essa ação política revela o caráter fundamentalmente dialético da linguagem, que pode tanto servir como instrumento de poder e opressão, quanto se tornar um meio de liberação e empoderamento. Ao resignificar termos como "bicha" e "viado", a comunidade

LGBTQIA+ ressalta a dimensão performativa da linguagem, usando-a para construir novos significados que expressam suas próprias formas de existência. Nesse sentido, a luta em torno da linguagem se insere em um contexto mais amplo de disputa pelos sentidos socialmente legitimados. Tal disputa envolve a contestação de hierarquias, estereótipos e estigmas que, historicamente, relegaram as identidades dissidentes a posições de subordinação e invisibilidade.

REFERÊNCIAS

ARAGUSUKU, H. A. (2018). O discurso da “ideologia de gênero” na câmara dos deputados: Análise crítico-discursiva e psicopolítica (Dissertação de mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

BUTLER, J. Discurso de ódio: uma política do performativo. Editora Unesp. 2021
_____. Corpos que importam: os limites discursivos do sexo. n-1 edições; Crocodilo Edições. 2019.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

GOFFMAN, Erving. Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1963.

GOMES, Mayra R. Palavra de Ordem/Dispositivo Disciplinar. Galáxia. Revista Interdisciplinar de Comunicação e Cultura. 2007. Edição n. 5. p. 91-108.

MEDEIROS, Ettore Stefani; PEDRA, Caio Benevides. A propagabilidade midiática de expressões trans(-)viadas:ressignificação de ofensa em potência. Disponível em: <A propagabilidade midiática de expressões trans(-)viadas ressignificação de ofensa em potência.pdf (ufmg.br)>. Data de Acesso: 15 de Junho de 2024.

OLIVEIRA, Quezia S. L. Oralidade e escrita na perspectiva dos multiletramentos. Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 107-119, jan./jun. 2020.

OLIVEIRA, L. S. O Termo ‘veado/Viado’ em Duas Comunidades Linguísticas: Diferentes Sensações de sentido na perspectiva da Teoria Queer e da semântica cultural. Revista Consciência. Belo Horizonte. Disponível em: <18144-1125629502-1-PB (1).pdf>. Data de Acesso 10 de Junho de 2024.

PERNAMBUCO, Diário de. Documentário propõe o orgulho homossexual com exemplos de superação. Disponível em: <Documentário propõe o orgulho homossexual com exemplos de superação | Local: Diario de Pernambuco>. Data de Acesso 02 de Julho de 2024.

TEIXEIRA, L. R. Indexicalidade no português brasileiro: uma análise Semântica baseada em mudanças de contexto. In: Dutra, L. H.de A.; Luz, A. M. (orgs.)Linguagem, Ontologia e Ação. Florianópolis: NEL/UFSC, v. 10, Coleção Rumos da Epistemologia, 2011,p. 164–179.

VAN DIJK, T. A. Multidisciplinary CDA: a plea for diversity. In: WODAK, R.; MEYER, M. (Eds.). Methods of critical discourse analysis. London: Sage, 2001. p. 95-120.
_____. A. Discourse and power. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.